

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

OLIVEIRA, Edmar Geraldo. Edmar Geraldo Oliveira (depoimento, 2021). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 31 p. (1h58min).

Entrevista com Edmar Geraldo de Oliveira (professor e ex-Pró-Reitor de Planejamento e Orçamento e ex-Pró-Reitor de Administração), realizada dia 14 de janeiro de 2021, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Tiago Magalhães e Mariana Gonçalves. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.

Douglas: Boa tarde, Edmar! Tudo bom? Com você espero que esteja tudo bem nesses períodos difíceis que nós estamos passando agora, mas espero que esteja ocorrendo tudo bem, e, em primeiro lugar, claro, gostaria de agradecer a você por nos atender tão prontamente. Eu fiz o convite e você nos atendeu aqui no Centro de Memória para essa conversa que vamos ter sobre, principalmente a fundação do IFMG. Você que esteve aí em São João no momento em que o IF foi criado e depois participou diretamente como Pró-reitor de Planejamento na primeira gestão do professor Caio, então é uma pessoa importante para conversar conosco sobre o nascimento da nossa instituição. Então, meu muito obrigado! E a primeira pergunta é uma pergunta meio técnica, se você nos autoriza a gravação da entrevista, se não há nenhum problema e porque posteriormente, só para eu poder explicar um pouco o trabalho nosso aqui do Centro de Memória, nós vamos construir um site e nesse site nós vamos disponibilizar seu vídeo, nós vamos transcrever sua entrevista que ficará disponibilizada como documento para que outros pesquisadores possam utilizá-la no futuro, então a primeira pergunta já dentro deste

contexto, se você autoriza a gente a usar tanto a imagem, quanto futuramente os textos que serão produzidos a partir da entrevista.

Edmar: Douglas, boa tarde! Boa tarde, Pablo! Boa tarde, Denis! Eu fiquei muito feliz, Douglas, quando você me ligou e fez o convite por poder participar desse projeto que eu acho que é um projeto importante, que é complementar vocês três e as demais pessoas envolvidas no projeto, esse projeto desse resgate histórico do Centro de Memórias, acho que ele é um projeto de uma relevância muito grande e fiquei feliz, como disse a vocês ao receber o convite para poder falar um pouquinho do tempo em que nós trabalhamos na Reitoria, que foi um tempo desafiador, mas foi um tempo de muito aprendizado. Em relação à gravação, Douglas e demais colegas, fica autorizada e, posteriormente, a divulgação, sem nenhum problema.

Douglas: Ótimo! Então, vamos lá. Edmar, primeiro ponto, falar um pouco sobre você, sobre sua formação até o concurso, quando você entra na então Escola Agrotécnica de São João Evangelista que depois vai se transformar no IFMG, esse percurso da sua formação, do concurso, enfim.

Edmar: Muito bem, Douglas! Minha família é de Capelinha, uma cidade daqui do Vale do Jequitinhonha, a cerca de 50 Km de distância de São João Evangelista, e eu tive oportunidade de conhecer, meu primeiro contato com a antiga Escola Agrotécnica foi em 1988, quando eu na época prestei, fiz as provas do processo seletivo e fui aprovado. E fui estudar, me tornei aluno da Escola Agrotécnica e fiquei aqui entre 88 e 90. E formando então no curso técnico de Agropecuária, meu primeiro contato com a instituição foi aos 15 anos, e foi uma instituição que naquele momento foi fundamental na minha vida porque me abriu novas possibilidades e uma delas foi de poder cursar e ir para a universidade, fazer graduação. E assim que eu me formei aqui, eu retornei para Capelinha, meu pai tinha uma propriedade rural no município de Capelinha e trabalhei com ele durante dois anos nessa propriedade rural, e no final desse período eu prestei vestibular para a Universidade Rural do Rio de Janeiro, fui aprovado e lá foi onde eu cursei licenciatura em Educação Física. Minha primeira formação de educação foi no curso de licenciatura em Educação Física, formei em 97 e em 98 prestei o concurso

público, aliás, o concurso foi no final de 97 e eu fiquei em terceiro lugar. E quando foi em julho de 98, o professor Lourenço era naquela ocasião o diretor da Escola Agrotécnica de São João Evangelista, e por meio da gestão de pessoas fez contato comigo e perguntou se eu tinha interesse em ir para São João Evangelista. Por conhecer a instituição, na época eu estava morando no Rio de Janeiro, trabalhava em duas instituições privadas, mas por ser uma instituição que eu já conhecia, por poder voltar para um lugar próximo da minha família, eu aceitei o convite. E fiquei como professor efetivo da Escola Agrotécnica em 15 de julho de 1998. Então, na primeira parte da minha formação foi a minha história como servidor do IFMG, começou lá na antiga Escola Agrotécnica de São João Evangelista, em julho de 1998.

Denis: Perfeito, Edmar! Eu sou o Denis, bolsista do Centro de Memória, e junto com o Douglas, vou estar conduzindo a entrevista com você. Muito obrigado pela sua disponibilidade, prontidão em atender a gente aqui do Centro de Memória! Com certeza, sua entrevista, ela vai ser muito importante nesse processo de entender essa instituição, a sua trajetória, a sua história, a sua memória, o seu percurso. Então, mais uma vez, muito obrigado! Uma pergunta que eu te faço é a seguinte: então, além do cargo de docente que você ocupou na Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, quais outras funções que você desempenhou dentro dessa escola, São João Evangelista, e no IFMG? Quais foram essas funções que você desempenhou, por exemplo, as funções de direção que você desempenhou nessas escolas, e aí como que surgiu essa oportunidade?

Edmar: Ok, Denis! Assim que eu tomei posse em julho de 98, quando foi início de 99, eu recebi a primeira oportunidade para poder participar da gestão, naquela época era uma coordenação pequena, mas foi ali meu primeiro contato com a gestão. No início de 1999, quando um convite do professor Lourenço, eu assumi a coordenação do Setor de Esportes e Lazer, como era um setor igual ao que eu já atuava e da minha área de formação, ainda que tenha sido minha primeira experiência, foi relativamente tranquilo. Naquele ano de 99, foram realizadas as eleições para diretor da antiga Escola Agrotécnica e o professor Marcos Eduardo foi eleito, assumiu como diretor e me chamou e sugeriu que a gente ampliasse o raio de ação do setor, ao invés de ficar só Setor de Esporte e Lazer, contemplasse as áreas do lazer e também da cultura, aí ficou Setor de Esporte, Lazer e Cultura, então permaneci nessa coordenação. E aí a gente

desenvolvia atividades relacionadas a eventos esportivos, culturais, participação de eventos na região da antiga escola, tinha uma fanfarra muito bem montada, de muita qualidade, recebiam convites frequentes nas cidades e região, então foram quatro anos à frente desta coordenação. Em 2003, em dezembro de 2003, já na gestão do professor Kléber, o professor Marcos ficou quatro anos, então o professor Kléber, hoje nosso reitor, foi eleito como diretor no primeiro mandato, e aí o professor Kléber ele me convidou para participar de outra função da gestão, mais próximo do núcleo da gestão do primeiro escalão que foi a Coordenação Geral de Atendimento ao Educando que no campus São João Evangelista ainda hoje é uma coordenação, tem uma importância muito grande dentro do funcionamento da instituição. Então, dentro dessa coordenação a gente ficava na parte de assistência, alojamento, restaurante, atendimento médico, odontológico, o próprio Setor de Esportes, Lazer e Cultura, então era uma coordenação que está no primeiro nível hierárquico do campus, e lá eu fiquei de janeiro de 2004 a outubro de 2007, se não me falha a memória foram quase quatro anos participando dessa função. Em 2007, o professor Kléber foi reeleito e eu disse a ele que eu não tinha interesse em permanecer, era uma coordenação que exigia bastante, na época a gente não tinha uma estrutura de trabalho como tem hoje, hoje a coordenação é muito mais estruturada, tem psicólogo, tem assistente social, tem uma equipe de apoio, diversos profissionais, muito mais estruturada. Então, o professor Kléber me propôs que eu assumisse a Coordenação Geral de Cursos Técnicos, na época nós tínhamos três cursos técnicos que são os mesmo de hoje, Agropecuária, Nutrição (na época era um curso nessa mesma área, um curso técnico para Alimentação) e o curso técnico em Informática, então eu fiquei. Ele me propôs também que eu assumisse a presidência da comissão do processo seletivo do vestibular. Realizei então esse trabalho durante todo esse tempo, naturalmente minha atribuição principal nessa casa que é a docência, e aí eu permaneci por mais um pouquinho até janeiro de 2009 quando eu recebi o convite para ir para a Reitoria. Eu não sei, Denis, se você já, prefira que eu conte já a trajetória incluindo tudo, a parte da Reitoria, ou se a gente dá uma pausa aqui e tem outras questões mais relacionadas à antiga Escola Agrotécnica onde teve gente que falava da criação do IFMG?

Dênis: Não, em relação às funções que você cumpriu, de direção que você ocupou, se você conseguisse falar... em relação ao que você falou, em relação à Escola

Agrotécnica, em relação ao IFMG, assim quando se criou o IFMG, às funções que você ocupou também, por favor!

Edmar: Ok. Então, em 2007, nós aqui em São João Evangelista, nós tínhamos como meta, como desejo, transformar a instituição em CEFET, então teve todo um trabalho, a elaboração de projeto, nós chegamos a receber aqui os avaliadores do MEC, que fizeram todo o processo, nós tivemos uma nota boa, favorável, não lembro qual foi naquela época, mas, paralelamente a isso, o Fernando Haddad, o ministro da Educação e o MEC, começaram a trabalhar em outra perspectiva. Então o MEC publicou uma chamada pública para que todas as instituições federais pudessem adotar o instituto. Então, nosso projeto de cefetização acabou sendo interrompido pela ação do MEC da criação dos institutos. Eu não participei diretamente das discussões, mas, várias reuniões, eu participei de algumas, eu lembro que São João Evangelista na época ficou em dúvida sobre juntar com Salinas, Januária, e ir para o Norte de Minas, na época não existia o quinto Instituto em Minas Gerais, se não me falha a memória a previsão era um no Norte ou do Sul, ou Sudeste, ou Triângulo, acho que era isso. Mas, vocês, eu acho que até conversado com professor Caio ou Kléber, se não conversaram, vão conversar, eles participaram diretamente desse processo, eles foram protagonistas desse processo, mas eu sei que quando surgiu a oportunidade da criação de uma equipe, Instituto, São João Evangelista fez a opção de poder se juntar a Ouro Preto e Bambuí na criação do IFMG. Ouro Preto tinha uma chamada UNED na época, Unidade Descentralizada que hoje é o campus Congonhas, e Bambuí tinha outra que era o campus formiga. Bom, a partir então, da consolidação do projeto dos Institutos, da criação, da aprovação da lei 11.898, da criação dos institutos, fiquei na dúvida agora, 11 mil.

Denis: 11892.

Edmar: Isso, obrigado Denis. Então foram criados os Institutos, começou uma discussão para poder de fato transformar o projeto, a lei em realidade, e aí foram realizadas diversas reuniões com o intuito de montar uma equipe de trabalho para poder tocar esse processo, para poder gerir esse processo. Então ficou acordado entre as antigas autarquias que se juntaram na criação do Instituto que cada uma delas teria

direito a dois cargos do primeiro escalão ali, ou seja, uma indicaria um Reitor e as outras duas indicariam dois Pró-Reitores, então o professor Caio foi nomeado Reitor, Bambuí e São João indicou dois Pró-Reitores, então o professor Kléber junto com o professor Zé Roberto me convidaram, então junto com o professor Gilson que veio a falecer posteriormente, pudésemos atuar como Pró-Reitores na Reitoria. Então eu fui convidado para poder ocupar o cargo de Planejamento e Orçamento. Na estrutura inicial do professor Caio, nós tínhamos duas Pró-Reitorias na área administrativa, uma de Planejamento e Orçamento e uma de Administração, e nós fomos então em fevereiro de 2009, naquela ocasião ainda não tinha a Reitoria do IFMG, não tinha a uma série de funcionamento da Reitoria em Belo Horizonte, então nós ficamos trabalhando em Ouro Preto com o Reitor, que era de Ouro Preto. A equipe que foi composta para trabalhar na Reitoria ficou atuando no campus Ouro Preto em janeiro de 2009 até outubro de 2009, se não me falha a memória, quando então nós mudamos para o local que hoje funciona a sede da Reitoria no bairro Buritis, em Belo Horizonte. Eu fiquei na Reitoria trabalhando entre o final de janeiro de 2009 e janeiro de 2015, então foram 6 anos trabalhando na função de Pró-Reitor, inicialmente no Planejamento de Orçamento e posteriormente como Pró-Reitor de Administração. O período em que eu atuei lá foi esse. Bom em 2015, só para finalizar a trajetória na gestão, em 2015 eu retornei ao campus, entre 2015 e 2018, eu atuei em sala de aula e coordenava o Setor de Esportes e Lazer, e quando foi em 2019, em outubro de 2019, o professor Zé Roberto havia sido reeleito como diretor do campus e ele me convidou para participar da função a qual eu estou atualmente que é de diretor de Ensino pelo campus São João Evangelista.

Denis: Sim, perfeito. Outra questão que eu vou fazer para você, Edmar, muito obrigado pela resposta, na sua opinião, o que é o Instituto Federal de Minas Gerais, essa é uma pergunta, e, no caso, qual que é o papel institucional que o IFMG deveria cumprir?

Edmar: Ô Denis, essa é uma pergunta muito relevante, muito importante, já são 10 anos de criação dos Institutos Federais e ainda hoje diversas pessoas questionam qual o papel dos Institutos Federais, não só o IFMG, mas os Institutos Federais que compõem a Rede Federal do Brasil inteiro; são instituições públicas que ofertam ensino de qualidade, que produzem pesquisa aplicada, que trabalham na extensão, e é o que diferencia basicamente no meu entendimento os Institutos das universidades, é que

tínhamos no início, que o IF não veio ocupar o espaço das universidades, eles têm uma característica própria, uma identidade própria que é primeiro ofertar desde a formação básica do trabalhador, ou seja, os cursos de qualificação, os cursos que a gente oferta, nós temos diversas, como a parceria com o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), semana da família rural. Desde a oferta de cursos de qualificação de trabalhadores até o pós-doutorado, os Institutos atuam então na contextualização dessa formação e muitas vezes na percepção da formação a partir da graduação, os cursos básicos, nós temos a qualificação básica, o ensino médio, e nós temos agora a pós-graduação, então esse é um ponto importante que diferencia. A percepção dos Institutos e aqui a gente pode discutir de fato se essa finalidade está sendo cumprida ou não, mas é o fato dos Institutos poderem trabalhar de acordo com o arranjo local, ou seja, se aqui em São João Evangelista a região tem uma demanda própria é preciso que essa demanda seja atendida no que diz respeito à formação profissional, à formação humana. E um outro aspecto fundamental dos Institutos Federais que ao meu ver, um grande legado deixado pelos presidentes Lula e Dilma, que foi a interiorização, poder levar uma escola federal para as regiões mais longes do país, do interior do país, acho que esse foi um ganho enorme. Na minha infância, quem quisesse cursar graduação, a gente precisava ir para Belo Horizonte, Viçosa, era muito mais difícil, hoje nossos estudantes têm a oportunidade de fazer mais próximo, ir para São João Evangelista e fazer curso técnico, fazer a graduação, eu acho que os Institutos eles são instituições fundamentais, importantíssimas na qualificação do trabalhador, na formação dos nossos jovens, não só jovens, mas da população como um todo.

Douglas: Bacana, muito bacana! Peço desculpas porque como estamos em casa, eu precisei descer ali correndo, mas já estou de volta, vamos conduzindo aqui. Edmar, você não só acompanhou, como teve uma experiência muito interessante, que você foi aluno e depois professor a partir de 1998, então você tem um olhar muito amplo. Mas, desde a criação do IFMG, são 12 anos, do final de 2008, ah, eu queria que você fizesse, levando em conta a sua experiência, um balanço desse período, desses 12 anos de IFMG, desde esse início lá no finalzinho de 2008, principalmente em 2009, de forma mais prática, até agora em 2021 que estamos realizando essa conversa.

Edmar: Douglas, para responder as perguntas, a gente vai ter que voltar um pouquinho lá na criação dos institutos. O IFMG nasceu da fusão de três antigas autarquias e fusão não é um processo simples, infelizmente todos os institutos passaram por uma formação que você tinha um CEFET consolidado, mas o que já era no nosso caso do IFMG que passou na fusão de três escolas que tinham culturas diferentes, que já tinham uma estrutura dada, mas, formações distintas, então São João e Bambuí eram escolas agrotécnicas voltadas mais para formação agrícola, enquanto Ouro Preto, formação industrial, principalmente na área da mineração. Então, foi muito desafiador esse processo de fusão, houve um tempo em que a fusão houve uma expansão transparente no primeiro mandato da presidente Dilma, houve uma expansão muito forte da Rede Federal de Educação Tecnológica, então o IFMG, que nasceu da fusão de autarquias, de repente passou para novas comunidades, hoje se não me falha a memória são 18 campi, nós passamos dificuldades muito grandes, definir o funcionamento, montar estrutura, isso teve uma demanda... Mas, eu acho que o IFMG passou por dois momentos distintos, um momento que a ênfase maior era estruturar IFMG como instituição pública, nascida da fusão dessas duas autarquias, conciliando com essa expansão neste período de 2009, 2014, 2015, onde nós tínhamos um orçamento eu diria satisfatório, sabe, em que a gente tinha condições de fazer investimentos. A partir de 2016, até o presente momento, de forma gradual, houve uma redução orçamentária importante na Rede Federal e isso acabou de alguma forma criando uma dificuldade para os gestores, então eu vejo que o IFMG hoje é uma instituição que avançou bastante no sentido da estruturação administrativa, no sentido da transparência da gestão, da formalização da participação da comunidade acadêmica como um todo, mas é uma instituição que tem dado muitos problemas do ponto de vista da comunicação orçamentária que usamos, não sei se eu consegui te responder, se a pergunta era essa.

Douglas: Não, é isso mesmo. É justamente fazer o balanço desse período. Está tranquilo, está ótimo.

Denis: Edmar, você tocou nesse processo de criação do IFMG e da fusão das escolas, eu queria saber, assim, como que você se coloca nesse processo, mais exatamente de que maneira você entende que contribuiu nesse processo aí de criação e estruturação do IFMG?

Edmar: Ô Denis, primeiro eu quero dizer que na medida do possível eu tenho sim contribuído nesse processo. Mas eu aprendi muito nesse processo, o grande legado que eu carrego é o aprendizado ao longo desses anos de Reitoria e o que foi feito naquele momento. Mas, eu acho que uma contribuição importante que nós levamos naquele momento foi poder trabalhar a perspectiva de envolver a comunidade acadêmica na participação da gestão, abrir um espaço para que a comunidade acadêmica pudesse de alguma forma participar dessa gestão, buscando transparência. Uma ação que eu considero um legado importante no tempo que eu estive na Reitoria, por exemplo, foi a criação do que nós chamamos de Planejamento Participativo, então, a partir do trabalho de equipe que foi feito naquela época, na experiência de outras instituições, a prefeitura de Belo Horizonte já tinha uma história de orçamento, então nós criamos todo um fluxograma para que os servidores pudessem participar da tomada de decisão, então foi um sério planejamento que chamamos de centro de custo, que foram criados em todos os campus, e a ideia era a tomada de decisões por esses centros de planejamento, pudessem então participar do planejamento anual, não só da questão orçamentária, mas decisões mais importantes. Acho que isso de início foi desafiador porque a gente não tinha as ferramentas adequadas, eu lembro que no primeiro planejamento orçamentário nós trabalhamos com uma planilha Excel, naquela época eram 5 campus, São João, Ouro Preto, Bambuí... quando nós consolidamos essa planilha que nós recebemos, ela se tornou uma planilha de 5 mil linhas e com itens muito repetidos, como era uma planilha editável, cada campus ocorreu de repetir a publicação. Então, se pegar um exemplo em que sempre... vinham cliques de papel, não escreviam o tamanho, outro vinha e escrevia outra característica diferente. Então, isso foi muito desafiador, mas logo depois nós identificamos esse problema e começamos a buscar uma ferramenta que nos desse opções de trabalhar esse planejamento participativo. Foi criado então uma maneira de lá em Formiga, nós institucionalizamos o “Sisplan” (Sistema de Planejamento Participativo) que hoje é uma ferramenta que funciona muito bem, não só na homologação de planejamento, mas no acompanhamento da execução, uma ferramenta que foi aprimorada de forma muito satisfatória, então nós pensamos também em outra ferramenta que pudesse ser útil na gestão, mas não só na questão do planejamento orçamentário, mas em todas áreas. Nós fizemos um árduo trabalho de convencimento, de aprovação de projetos, de contratação de estação que foi para poder

contratar uma equipe no Sistema de Gestão Integrado que pudesse atender todas as áreas, de ensino, extensão, administração, biblioteca, todas as áreas do Instituto. Acabou resultando na contratação de uma “RP”, da empresa que ainda hoje nos atende na parte acadêmica. Nosso “Conecta” hoje é um sistema ainda da “Totvs”, depois, na gestão do professor Kléber, o Instituto acabou fazendo a utilização do “Suap”, mas, independente de ser Totvs ou Suap, qualquer outro que tivesse ferramentas confiáveis que nos dessem informações precisas para tomada de decisão. Então, minha contribuição foi nesse sentido de poder trabalhar na estruturação comercial, de poder buscar ferramentas que fossem úteis na gestão, na tomada de decisão e dar mais transparência à gestão nesses aspectos.

Douglas: Não, bacana! Edmar, agora falando um pouco da fundação do IFMG, se você puder falar para a gente como foi o processo de criação do IFMG, se puder falar um pouco da sua visão de como foi esse processo, se você pudesse falar para a gente quais partes burocráticas que tiveram que ser atendidas, houveram editais, assembleias foram realizadas, como foi esse processo para se tornar IFMG?

Edmar: Ok! Então, Douglas, esse processo de criação começou até onde eu sei, como eu disse, na ocasião eu não participei diretamente do processo, aqui no nosso campus quem esteve à frente desse processo foi o professor Kléber e o José Roberto, na época então o Fernando Haddad era ministro e o MEC publicou uma chamada pública de adesão das instituições para que pudessem participar da criação dos institutos. O nosso campus, de cara foi feito assim, me lembro claramente, o Kléber fez uma reunião no auditório, apresentou a proposta inicial, então a primeira conversa naquele momento foi: nós vamos aderir a proposta ou não? Então foi unânime dos servidores na reunião que nós deveríamos aderir ao processo porque a gente entendia que se a gente não fizesse essa adesão a gente de alguma forma iria sobrar. Uma instituição pequena, no interior do Estado, sozinha não teria força, a gente vê que se não aderisse, a gente não teria recursos e nem força política para poder crescer. Outras instituições, duas especificamente no Brasil, pensavam diferente, mas era outra realidade, que você sabe que é o caso do CEFET de BH e o CEFET/RJ, tinham outras pretensões. Então, a partir do momento que foi definido que nós deveríamos aderir à “chamada pública”, a discussão seguinte foi: aderir a essa chamada pública para compor com quais

instituições? Nós iríamos compor com Salina que em um primeiro momento foi a primeira opção, até pela proximidade que a gente tinha com Salinas e Januária. Mas, por outro lado, o fato da Reitoria no Norte de Minas gerou também... não era tão interessante para São João Evangelista e aí ficou esse dilema. Enquanto isso, também havia a possibilidade do Sul de Minas: uma outra possibilidade seria compor ali com Machado, Muzambinho, para poder participar do Instituto Federal do Sul de Minas. Eu acho que o Kléber e o Zé Roberto chegaram a participar de reuniões com o pessoal do Norte e o pessoal do Sul. E no decorrer do processo surgiu então a possibilidade da criação do quinto Instituto, Ouro Preto que inicialmente articulou essa criação, o professor Caio com sua equipe, e São João Evangelista então acabou fazendo a opção por participar junto com Ouro Preto e Bambuí da criação do quinto instituto, com sede administrativa em Belo Horizonte. A comunidade nossa que na época gostou muito da ideia porque BH ainda continua sendo naquela época para a gente uma referência muito importante, não só pelo fato de ser capital do Estado, mas também geograficamente, muitas vezes quando essas pessoas precisam de determinados recursos, sejam eles na área da saúde, educação, maioria, mas grande parte da população acaba tendo como referência a capital, então essa adesão para poder ficar junto com Ouro Preto e Bambuí foi quase que natural.

Denis: Nesse Edmar, nesse processo de adesão ao IF, você sabe dizer para a gente, assim, mais detalhadamente, quais foram as principais questões levantadas e principalmente, sobretudo os principais desafios que surgiram nessa criação dos Institutos Federais?

Edmar: Na pré-criação ou depois de criar, sancionar?

Denis: Nesse processo mesmo de adesão da Escola Agrotécnica de São João Evangelista. Então, surgiram várias questões e vários desafios, assim, nesse processo, adere ou não adere, então quais eram essas questões, assim, discutidas neste âmbito, sobretudo no local? Por exemplo, você pode falar da recepção que essa comunidade fez, da leitura que essa comunidade fez desse projeto.

Edmar: Tinham duas questões que permeavam essas discussões, uma era a questão geográfica, né. A gente entendia que a gente deveria aderir à proposta de se juntar a outras instituições que geograficamente nos favorecessem, não tinha sentido nenhum, por exemplo, a gente poder aderir a uma proposta criando um meio de uma reitoria que fosse geograficamente desfavorável. E a outra era a questão da identidade cultural, quais são os itinerários formativos ou quais são os cursos que essas instituições trabalham, o que a gente poderia aprender ou quais seriam as trocas ou parcerias que nós poderíamos fazer com esses campi. Então, o fato da gente ter como feito parte da instituição, ter uma outra instituição que é o caso de Bambuí com cursos nas áreas agrárias, para nós foi muito interessante que nós tivemos oportunidade e temos oportunidade de estreitar os laços com outro campus, com outra instituição naquela época, é, que tem cursos nas mesmas áreas, os professores podem dialogar, os nossos estudantes, as práticas realizadas, que poderiam ser complementadas e adaptadas aqui também. Então, acho que esses foram os dois pontos que de certa forma setorizavam as discussões, a questão da identidade cultural e a questão da posição geográfica.

Douglas: Ainda um pouco nesse âmbito, Edmar, porque você falou que São João meio que estava passando por um processo de cefetização, estava trabalhando para se transformar em CEFET e, de repente, vem a notícia, a mudança pelo Ministério da Educação com o projeto dos Institutos Federais, como chegou essa notícia em São João Evangelista, como na comunidade, tipo, estamos preparados para alguma coisa e, de repente, vem uma notícia de uma mudança de planos agora, como que chegou essa notícia aí? Como foi esse primeiro impacto, como vocês receberam, a comunidade São João recebeu essa notícia, essa mudança de planos?

Edmar: Então, Douglas, me lembro bem dessa etapa na gestão, não foi o que a gente queria naquela ocasião, na verdade, o que a gente queria mesmo era se transformar em CEFET, a nossa perspectiva é que o CEFET pudesse ter mais investimentos, recursos, e a gente trabalhou o tempo todo nessa perspectiva, chegamos a receber os avaliadores do MEC e obtivemos uma boa nota, o projeto estava muito bem encaminhado. Então, quando veio a conversa do Instituto, nossa, porque não se sabia nem como era esse negócio de Instituto, tudo muito novo, e a gente tinha outra perspectiva, mas aí no decorrer das conversas, a comunidade toda percebeu que a gente não tinha outro

caminho porque o projeto do MEC na época era um projeto do ministro de Estado e ele tinha uma força muito grande, tanto é que a Rede foi criada por meio de leis e não é uma coisa simples, e toda estruturação, então, assim, houve um impacto inicial. Poxa vida, todo trabalho nosso inicial se perdeu, a gente tinha um sonho, um desejo, mas isso foi rapidamente superado também com a questão dos Institutos.

Denis: Edmar, e sobre essa junção dessas três escolas para a formação do IFMG, você sabe dizer para a gente por que essa junção dessas três escolas com peculiaridades regionais e geográficas, principalmente, tão diferentes, passaram a integrar o IFMG? Se a gente fosse pensar assim, a Escola Técnica de Ouro Preto está localizada no centro de Minas Gerais, a Escola Agrícola de São João Evangelista está mais ao leste e a Escola Agrícola de Bambuí mais ao centro oeste do Estado de Minas Gerais, mas por que essas três escolas com peculiaridades regionais diferentes e geográficas, mais ainda diferentes, passaram a integrar, a compor o IFMG?

Edmar: Então, Denis, como te falei, não participei ativamente dessa parte, mas a história que me foi contada na época pelo Kléber, Zé Roberto e Caio foi mais ou menos a seguinte, nessa negociação dessas composições houveram muitas divergências e aí, não lembro agora se foi de Ouro Preto, a proposta inicial teve algumas divergências e aí Ouro Preto se posicionou, pelo menos foi isso que eu sei, não participei disso, foi a história que me foi contada, que Ouro Preto bancou um projeto próprio, foi uma forma de não aderir nem com o Sul, nem com o Norte, nós vamos propor um projeto nosso de um quinto Instituto com sede na capital do Estado. E aí quando no MEC se apresentou o projeto, o MEC disse para Ouro Preto o seguinte: “olha, assim não dá, você pode até propor, mas você precisa de mais gente para entrar contigo nessa”. E aí, na época, o Caio que era o diretor do CEFET, e se tornou reitor depois, ele articulou depois com o pessoal de Bambuí e com o pessoal de São João Evangelista, com Flávio e Kléber, essa composição. E aí você perguntou das questões geográficas, Denis, eu penso que naquele momento isso tinha ficado mais na política do que na técnica, então essa era uma questão: então nós vamos juntar aqui porque nós entendemos que é importante, que politicamente é importante, que ter uma reitoria em BH é importante, porque nós discordamos do que está sendo proposto em outros locais. Então, acho que foi um

pouco disso. Então, pelo menos como eu disse, é uma informação, é a visão que eu tenho.

Douglas: Edmar, essa pergunta sobre os lugares e tudo mais, mas às vezes quando a gente fala de instituições, às vezes a gente esquece um pouco que essas instituições elas são comandadas por pessoas, tem o componente humano por trás disso, aí eu queria saber se você participou de alguma reunião em que as lideranças desses campi, o Kléber o Flávio Godinho, eles estiveram juntos para tratar desse tema, para discutir essa fusão em relação ao IFMG.

Edmar: Douglas, eu participei de uma única reunião. Antes da lei ser sancionada, essa reunião aconteceu aqui em São João Evangelista. Na época, o Caio trouxe uma equipe de servidores de Ouro Preto e o Flávio trouxe uma equipe de Bambuí, acho que nenhum dos dois na época conheciam a Escola Agrotécnica de São João Evangelista e eles vieram para poder conhecer a instituição, a infraestrutura, as pessoas, principalmente os gestores, mas, na época foi uma visita muito tranquila, muito amena. Assim, eu não participei de reuniões fechadas, eu estive com eles na escola, mas muito tranquilo, muito ameno, então, assim, percebo que depois houveram divergências, principalmente entre o Kléber e o Caio, inclusive na definição de quem seria o reitor, mas eu não cheguei a participar diretamente dessas reuniões, não.

Denis: Edmar, uma vez criado o IFMG, implantado, você sabe me dizer como que o campus de São João Evangelista trabalhou essa mudança institucional, essa passagem de escola agrícola para IFMG, né, trabalhou essa mudança institucional, em um plano mais geral, e, ao mesmo tempo, como que esse campus manteve ainda sua marca, sua especificidade?

Edmar: Entendi, Denis, eu fui no final de janeiro de 2009 para Ouro Preto e depois Belo Horizonte e a partir daquele momento eu não acompanhei o dia a dia aqui do campus, eu não vivenciei aqui no campus como que a comunidade estava lidando com a situação, como que a instituição foi afetada por essa transformação, mas à distância eu

participei disso, lógico, não diretamente. Por volta de 2009, foi um ano de adaptação, foi um ano em que as instituições ainda tiveram uma autonomia administrativa para poder lidar e a partir de 2010, se não me falha a memória, os sistemas do governo foram todos integrados, por exemplo, orçamentos. O controle da Reitoria recebia o orçamento, a parte de gestão de pessoas da mesma forma chegava na Reitoria e a Reitoria descentralizava, então, a partir de 2010, o reitor passou, de fato, a assumir a gestão administrativa, de pessoas da instituição. Eu não sei se consegui responder de forma satisfatória à sua pergunta, porque o sentimento e a percepção de quem estava aqui eu não consigo dizer com essa clareza.

Denis: Não, tranquilo. Perfeito!

Douglas: Edmar, você começou a falar aí, o primeiro momento da gestão foi em Ouro Preto, e como é que foi esse momento em Ouro Preto, como que foi o trabalho lá, como que foi trabalhar lá, né? Tanto de Ouro Preto, como o pessoal de Bambuí, São João, como foi essa primeira Reitoria um pouco que improvisada até a construção, construção não, até a mudança para Belo Horizonte?

Edmar: Então, Douglas, naquele momento a equipe que foi nomeada para trabalhar na Reitoria era basicamente o Reitor, Pró-Reitores e alguns poucos diretores sistêmicos, e aí o trabalho inicial nosso lá em Ouro Preto ele foi de poder propor uma estrutura organizacional, elaborar uma primeira proposta de regimento e de estatuto da instituição, então nós trabalhamos na definição da estrutura organizacional, como que seria composta, as atribuições, o que resultou aí no regimento geral da instituição e também no estatuto. Paralelamente a isso, nós trabalhamos também na... inicialmente a gente não tinha a clareza se seria a aquisição já de um prédio pronto ou de um terreno para poder construir, então existiam essas duas possibilidades, ou a instituição compraria um terreno para construir a sede administrativa da Reitoria, ou compraria um prédio próprio, então surgiu uma outra frente de trabalho na época que acabou dando certo que nós conseguimos, muito mérito do professor Caio nesse trabalho de conseguir comprar o prédio lá no Buritis onde funciona a Reitoria. Na época, não me lembro os números exatos, mas estava destinado para boa aquisição da Reitoria um prédio, não me

lembro agora os valores, mas algo assim em torno de dois milhões de reais, dois milhões e pouco, e aí o Caio que liderou, conseguiu aquele prédio um pouquinho abaixo de 5,4 milhões e alguma coisa: “mas, como que nós vamos fazer, está acima do valor que o MEC propôs.” O Caio conseguiu articular no MEC e comprou o prédio e pagou o prédio e ali a partir de então nós começamos a trabalhar em Belo Horizonte. Lá em Ouro Preto, trabalhamos no mesmo prédio onde o Caio já estava, que era o diretor do campus, trabalhamos na questão da estrutura organizacional, na questão da elaboração de regimentos, estatutos e também nessa questão e já pensando na aquisição da sede.

Douglas: Denis, só um instantinho, vou fazer uma pergunta complementar e você fica com a próxima palavra. Edmar, como que foi do ponto de vista pessoal, eu falo porque moro aqui na região e São João Evangelista para Ouro Preto é chão, não é uma viagensinha, vamos dizer assim, como que foi para você essa parte do deslocamento, a questão pessoal dessa vida em São João e essa vida em Ouro Preto? Sua família foi para Ouro Preto? Como que foi essa questão aí?

Edmar: Então, Douglas, de início, eu deixei minha família aqui, o Edilson e eu nós íamos de carro na segunda-feira bem cedinho, eram 4,5 horas de viagem mais ou menos, saíamos bem cedinho e na época nós pedimos para trocar na segunda para a gente começar a trabalhar às 7 da manhã, por conta do trânsito. A gente vai chegar aqui umas 10 horas da manhã, pode ser que a gente comece aí após o almoço, aí nós íamos na segunda, trabalhávamos durante a semana e retornávamos no final do dia da sexta-feira. Então, toda a semana nós fizemos isso, mas como o Edilson estava naquela época, foi bom porque eu tinha companhia naquela semana, eu me lembro, ia de carro dirigindo e na outra semana ele, e a gente ia revezando, e foi bom, era cansativo, lógico, mas nós estávamos muito motivados, Douglas. Para mim foi um desafio enorme, eu sou, a minha formação acadêmica é Educação Física, poder trabalhar na administração foi muito desafiador, mas a nossa equipe lá era uma equipe muito boa de serviço, muito, posso citar aqui, o diretor de, era o diretor de planejamento, trabalhava diretamente comigo, o Roberto Bezerra que é servidor de Ouro Preto, ele era um diretor orçamentário, trabalhava com a gente lá, era técnico administrativo de uma competência acima da média lá na época em Ouro Preto. Na Pró-Reitoria de Planejamento era com o Edilson, o Roberto e eu, éramos três e na Administração é uma interface muito grande, e

essas duas Pró-Reitorias, elas tinham uma interface muito grande, então na administração trabalhava o Edilson, a Renata que é professora de Congonhas, uma profissional também muito mais muito competente, nossa equipe era muito boa e eu pude aprender muito com eles. E poder trabalhar o dia todo com eles, e na pousada, eu trabalhava durante o dia e chegava à noite eu ia estudar, e eu comecei a fazer cursos à distância e pegando livros, lendo, estudando, para que eu pudesse conhecer sobre a área, então do ponto de vista pessoal, Douglas, foi isso, foi cansativo, mas foi isso, eu estava muito motivado! Mas, a questão de deixar a família que foi muito combinado, eu sabia que era temporário e retornaria a Belo Horizonte, então aí quando nós passamos a trabalhar em Belo Horizonte, eu já levei minha família, Cláudia e as meninas para BH e nós fixamos residência lá.

Denis: Você já começou contando essa questão da Reitoria situada em Belo Horizonte, da proposta da Reitoria de BH no centro do Estado de Minas Gerais, mas, assim, eu queria saber se você sabe o porquê foi essa proposta para implantação da reitoria em BH, e aí também que você falasse um pouco desse trabalho em Belo Horizonte, como foi essa mudança de Ouro Preto para BH?

Edmar: A opção pela Reitoria na capital, Denis, ela foi estratégica, porque a capital do Estado é sempre uma grande referência em todos os sentidos, no ponto de vista político, de estrutura, de serviços, então como a possibilidade da criação desse Instituto foi estratégico poder propor que a Reitoria fosse em Belo Horizonte. Quando nós, a parte da pergunta é essa, quando nós começamos a trabalhar em BH, nosso trabalho ele teve um saldo de qualidade, eu diria, e também nós passamos, de fato, a fazer gestão do Instituto. Centralizar na Reitoria de início foi muito desafiador, que comprova que já foi um trabalho árduo porque pelas apresentações orçamentárias, pelas possibilidades, pelo mercado, você poder encontrar uma estrutura que já estivesse pronta para atender as necessidades da instituição... Não poderia ser um prédio residencial, já foi desafiador isso aí, então quando nós adquirimos o prédio, tivemos que estruturar o prédio, mobiliar pavimentos deu um outro trabalho. Então, nós ficamos de outubro até dezembro focados na estruturação do prédio da Reitoria, aquisição de mobiliários, engenheiro trabalhando ali na utilização do espaço, toda a parte, dizendo o que era. Já era escritório, então facilitou alguns pontos, mas mesmo assim tivemos que adaptar rede elétrica,

equipamentos de infraestrutura para adaptar os equipamentos de TI. Começaram a chegar os servidores da Reitoria, então eu me lembro que no final de 2009, dezembro de 2009, o Caio conseguiu publicar, nomear diversos servidores, não me lembro agora quantos, mas foram vários servidores e esse pessoal começou a trabalhar com a gente no início de 2010, então já tinha uma equipe de trabalho, não é a que tem hoje, isso foi gradual, mas já tinha uma equipe de trabalho que podia nos ajudar. Então, no início, na Reitoria em que eu trabalhava eram três pessoas, então passamos para 7 ou 8 pessoas, a gente já tinha um trabalho e aí nós começamos, de fato, a colocar em funcionamento aquilo que nós tínhamos elaborado anteriormente que era o modelo de gestão. Definir um modelo de gestão para o Instituto, então basicamente foi esse o trabalho inicial.

Douglas: Bacana! Antes, Edmar, antes da pergunta em si, você saberia me falar o sobrenome da Renata que você citou aí, a Renata de Congonhas?

Edmar: Renata Vasconcelos, deixa só eu confirmar aqui. Mas ela é muito boa de serviço, muito competente

Douglas: Porque a cada entrevista nós vamos pegando novas pessoas que podem ser entrevistadas, depois a gente vai formando uma cadeia, digamos assim.

Edmar: Perdão, Douglas! Não é Renata Vasconcelos, é Renata Veloso Santos Policarpo, ela é administradora por formação, ela tem mestrado e doutorado na área de Administração, ela trabalhou durante quatro anos, se não me falha a memória, era diretora de Administração no campus Congonhas e é uma profissional das melhores que eu conheci.

Douglas: Bacana.

Edmar: É, um outro, se na lista de vocês aí, o Oiti, ele foi candidato a diretor do campus, na época concorreu com Joel, uma outra pessoa que vale a pena uma conversa

também, não sei se está na lista de vocês, mas na época ele participou de forma muito mais efetiva que eu na administração, ele é do campus Bambuí.

Douglas: Sim, o Oiti, ele está na nossa mira, vamos dizer assim. Edmar, e com o IFMG já fundado, digamos assim, você teve por dentro da gestão, e nós historiadores a gente gosta muito do termo continuidade e ruptura, a gente trabalha muito com isso, aí eu queria que você me falasse um pouco disso, você que estava na gestão, o que para você permaneceu quase a mesma coisa e o que de fato foi muito alterado com a fundação do IFMG, do ponto de vista principalmente da gestão?

Edmar: Douglas, é lógico que tem a relevância dos Institutos, e acho que nós fizemos coisas muito importantes, mas é óbvio que existem perdas também, isso é natural, eu acho que uma, não sei se chega a ser uma perda, mas uma diferença importante é a questão da autonomia, né, enquanto nós éramos escola agrotécnica, a gente tinha uns hábitos administrativos, a partir do momento que foi criado o IFMG, que a Reitoria passou a exercer esse processo, o campus perdeu muita autonomia. Em um primeiro momento da gestão do Caio, ao qual eu fiz parte, acho que perdeu bastante autonomia e depois da gestão do Kléber fez toda uma campanha de descentralização, mas é óbvio que o poder maior está centralizado na Reitoria, né. E uma a Reitoria poder aprender a conter todos os campi não era uma tarefa fácil, existem especificidades regionais, culturais, geográficas, que muitas vezes quem está na Reitoria desconhece. Ainda acho que esse foi um fator que mudou muito, foi uma questão que foi fortemente afetada pelos Institutos, mas, por outro lado, o fato da criação dos Institutos promoveu um investimento que se nós não tivéssemos transformado em Instituto, eu não sei se hoje estaria na gestão de São João Evangelista, teriam o mesmo número de cursos e professores que a gente tem, então eu acho que a transformação de Institutos e o aporte por parte do MEC na criação de cursos, de orçamentos, foram pontos bastante positivos para a Rede Federal como um todo, e para as escolas mais antigas que é o caso de São João Evangelista.

Denis: Já que você tocou nessa questão de orçamento e você participou de cargos de direção desde a Escola Agrotécnica de São João Evangelista e também no IFMG, na

fundação, como você percebe essa disponibilidade de recursos, fazendo esse paralelo entre um e outro, essa disponibilidade de recursos em termos de material, financeiro, pessoal, como que você faz essa leitura dessa disponibilidade?

Edmar: Denis, em uma outra parte da nossa conversa eu chegar a falar disso. Nós tivemos dois momentos distintos no que diz respeito a orçamento, desde a criação dos institutos federais nós tivemos um orçamento que ele cresceu ao longo do tempo, entre 2010 e 2015, e aí a partir de 2015 até o presente momento esse orçamento ele foi reduzindo gradualmente, aqui em São João Evangelista, por exemplo, em 2021, eu não tenho os números aqui, não é a área que eu trabalho atualmente, mas, de acordo com as informações que recebi do nosso diretor de Administração e Planejamento, o orçamento que nós vamos praticar em 2021 ele é mais ou menos de acordo com o ano de 2012, ou seja, quase 10 anos atrás, então se a gente considerar a inflação acumulada do período, se a gente considerar o crescimento que nós tivemos e as necessidades de investimento para manter o funcionamento dessa logística, é fácil entender que nós teremos o ano de 2021, aqui em São João, muito difícil do ponto de vista orçamentário, e isso não é só em São João e sim como um todo. Mas é uma questão, Denis, que a gente fica refém, são políticas de governo, né, que vão mudando ao longo dos governos, priorizam determinadas áreas e deixam outras e a gente tem sofrido com isso, com esses cortes orçamentários ao longo desses anos.

Douglas: Pegando aí principalmente enquanto você foi Pró-Reitor, Edmar, você até já começou a falar sobre isso, como que foi organizar esse sistema de planejamento, você falou até do SISPLAN, mas eu gostaria que você falasse um pouco como que era a distribuição de recursos entre os campi, principalmente os desafios, eu imagino que muitos desafios e muitos questionamentos vocês devem ter sofrido, né? Em relação à essa distribuição orçamentária, então nesse início de IFMG, como que foi essa organização desse planejamento de distribuição para os campi, se os campi acharam ruim, concordaram, como que foi esse momento dessa organização?

Edmar: Douglas, nós procuramos, na época foi eu e Oiti, éramos nós dois que estávamos mais à frente nessa época do processo, obviamente com a autorização do

Caio, Reitor, mas nós procuramos e fizemos o seguinte, nós aplicamos a mesma metodologia de distribuição de orçamento e que é feita pelo CONIF na distribuição dos recursos do campus São João Evangelista. Então, naquele momento eu lembro do fórum, no dia, de administração e planejamento do CONIF, inclusive fui secretário durante dois anos e aí, no qual era naquela época foi feito um trabalho maravilhoso, o pessoal também, era uma equipe que naquele momento procurou valorizar a questão técnica em detrimento da questão política. A ideia naquela época, o que era, estou tentando lembrar quem era o secretário na época de educação tecnológica, eu não me lembro agora aqui, mas, enfim, o que me lembro durante muitos anos a negociação de orçamento era o que a gente chamava de “o balcão”: e aí, quem tem mais cacife político, apoio político, acabava levando a fatia maior. Então, nós concordamos na época, nosso plano era, o foco do funcionamento foi estabelecer critérios técnicos que ainda existem mas infelizmente as informações que eu tenho é que foram deixados de lado, então o CONIF tinha alguns critérios que vou destacar aqui, como que era a composição do orçamento, primeiro, era a matriz de núcleo de estudante, mas o número de estudante era ponderado de acordo com o peso dos cursos, nós sabemos que tem cursos que tem custo maior, uns exigem muito mais laboratórios e outros exigem menos, se você for comparar um curso de medicina veterinária e um de licenciatura, é óbvio que o de medicina veterinária terá uma exigência maior e o MEC tem um catálogo dos cursos do MEC e você já tem uma referência da estrutura necessária. Então, os cursos eram classificados em nível baixo, médio e alto, então era matrícula, número de alunos matriculados, de acordo com o custo do peso do curso, havia algumas bonificações. Então, por exemplo, as escolas que têm alunos alojados e que têm restaurante, tinha uma quebra chamada regime e elas tinham uma bonificação para o almoço. As escolas que tinham cursos, o de agropecuária, também tinham bonificação. Naquela época, não sei se ainda é assim, porque é muito diferente você manter uma estrutura de fazenda do que você manter, por exemplo, uma estrutura semelhante a Congonhas ou Ouro Branco que são prédios administrativos, chegou na sexta, no final do expediente e reabre na segunda. Em São João Evangelista não é assim, final de semana nós temos laboratórios, temos uma área que a gente precisa manter e tudo isso tem um custo, haviam custos específicos para EAD e para assistência estudantil, então o que que a gente fazia, nós fazíamos a matriz considerando esses critérios e replicava esse mesmo critério na distribuição interna. Não me lembro de embates mais fortes em relação a orçamento. Agora, ah, o campus tal está levando mais, sempre tem, havia

assim, às vezes, nos bastidores aquela coisa: por que o orçamento é tão diferente de um campus para o outro? Às vezes a gente conseguia mostrar a planilha e explicar o porquê dessa diferença.

Denis: Edmar, você sabe dizer para a gente como que eram tratadas essas questões, por exemplo, criação de campus, expansão desse mesmo campus, construção de prédios, laboratórios, essas grandes empreitadas, como eram tratadas essas questões?

Edmar: A questão do investimento, Denis, ela era tratada internamente, então você tinha os capitais e as ordens da Reitoria, então apresentava os projetos na Reitoria, nós, ainda existe, lógico, uma equipe de infraestrutura, lá tem engenheiros, arquitetos, profissionais dessa área buscando elaborar esses projetos, e aí utilizavam parte do seu orçamento que é destinado ao investimento. Aqui em São João Evangelista, por exemplo, eu me lembro que naquela ocasião foi construído o prédio três, que o Douglas conhece bem, começou na gestão do Kléber, e o prédio quatro, Douglas, que foi citado, ainda na gestão do Caio e foi finalizado na gestão do Zé Roberto, então o campus aportou parte do investimento, destinou parte do seu orçamento para aquela obra e contribuiu para essas obras. Isso foi discutido no Colégio de Dirigentes, os investimentos maiores eram sempre discutidos no Colégio de Dirigentes. Agora, a questão da criação de novos campus, Denis, acabou ficando muito no aspecto político, os prefeitos articulavam com senadores e aí procuravam o MEC ou o reitor. Em razão dessas questões políticas é que houve a criação de campi próximos uns dos outros, inicialmente havia, me lembro que havia uma proposta técnica que não pudesse ser criado nenhum campus em um raio, não me lembro agora a distância exata, não sei se era 50, 100 quilômetros, mas acabou que isso caiu por terra porque a pressão política era muito forte. Então, quando chegava lá no MEC, prefeito com reitor, com deputado e senador, acabava o MEC... Tanto é que temos aqui, mas eu não sei a distância, mas bem próximo, Congonhas, Lafaiete e Ouro Branco, está bem próximo também de Congonhas, além de Ouro Preto, então temos aí quatro campus em um raio curto de distância. Existem regiões aí de 450 km mais próximo, que é Valadares, Diamantina, mas vai no Norte de Minas, e existem distâncias muito maiores do que isso.

Douglas: Edmar, até a gente falou de campi essas coisas todas, é o seguinte: você esteve na Reitoria desde o princípio, né, e nesse primeiro momento havia, vamos dizer assim, três grandes pesos, Ouro Preto, Bambuí e São João Evangelista e, muito provavelmente, pessoas e ideias diferentes, cada qual às vezes se via de uma determinada maneira ou gostaria de estar presente de uma determinada maneira nesse projeto IFMG que nascia, certo? Então queria saber, você que estava lá dentro, como você percebia esses três projetos, esses três locais e como que conseqüentemente foram as disputas desses locais dentro dessa Reitoria, deste Instituto que nascia?

Edmar: Existia e existem essas questões colocadas por você, as vezes em alguns momentos de forma mais explícita e outros momentos de forma mais sutil, mas sempre existiu uma certa competitividade entre os campi. Mas isso, não me lembro, assim, da época em que eu trabalhei lá, de isso ter assim afetado muito a gestão, não. Isso sempre, o Reitor beneficia o campus dele, o Pró-Reitor beneficia o campus dele, mas eu confesso para vocês, assim, de coração que não era assim, sabe? Era a gente, pelo menos no trabalho coordenado por mim e pelo Oiti, a gente procurava sempre conversar com os diretores dos campus para que eles pudessem apresentar suporte para aquilo que estava sendo pedido, então se o campus quer criar um curso novo, por exemplo, faz um projeto, precisava indicar como era o corpo docente, se era necessário de professor, quais e quantos seriam, se fosse um investimento em uma obra, por exemplo, o campus precisaria ter um projeto bem feito, apresentar a relevância desse projeto, de ter esse orçamento ainda que o governo fosse contribuir, mas o campus precisava participar colocando dinheiro também naquele projeto. Então, assim, as divergências que tiveram, as compreensões das disputas elas sempre ocorreram assim de forma muito tranquila, assim, não me lembro de nenhum: “ah, um grande problema que o campus A divergiu do campus B em relação às questões complicadas”, não me lembro dessas situações, não.

Denis: Nesse período de criação, fundação do IFMG, foram criadas cinco Pró-Reitorias, você sabe como se deu essa divisão entre os campi para as pessoas ocupando cada Pró-Reitoria? E aí você ocupou uma das Pró-Reitorias e o porquê disso, como você se coloca nesse lugar?

Edmar: Ô Denis, o Caio, ele foi nomeado reitor em 2009, no início de 2009, né, e aí a partir da nomeação do Caio como reitor aconteceu algumas reuniões com participação do Caio, do Kléber e do Flávio Godinho na definição dessa estrutura, foi pensando em uma estrutura que era a questão das Pró-Reitorias e aí foi apresentada uma proposta pelo Caio. Então você tinha ali, que era natural, uma Pró-Reitoria de Ensino, de Pesquisa e uma Pró-Reitoria de Extensão, e isso era unanimidade, e isso era um padrão de quase todas as instituições e ainda é, confesso que não conheço nenhum Instituto, nenhuma universidade que não tenha essa estrutura voltada a esse critério: ensino pesquisa e extensão. Aí essas duas Pró-Reitorias, por mais que a gente possa ver Administração e Planejamento e uma outra que pode ser de Gestão de Pessoas, de Assistência Estudantil, enfim, a proposta do Caio era centrada no seguinte argumento, nós precisamos de uma equipe de trabalho que vai resolver os problemas do dia a dia, que é o pessoal da Administração, só que nós precisamos de ter como nosso trabalho um planejamento, porque a gente não pode ficar de forma frequente, a gente tinha esses problemas: “ah, um problema aqui”, e quem está resolvendo o problema tem que achar a resolução do problema e entre resolver, surge outro e vira uma bola de neve, uma repetição. Precisamos de alguém para pensar no estratégico, que vai trabalhar para que os problemas não se repitam e nós precisamos de alguém para resolver os problemas, que dessa forma na parte administrativa tivessem duas, uma de Administração e uma de Planejamento e Orçamento. Agora, como que essas planilhas foram distribuídas entre os campi, foi definida uma sequência de escolhas, me parece que foi feito o seguinte, Ouro Preto já tinha reitor, que era o Caio, São João era o próximo a escolher e São João escolheu a de Planejamento e Orçamento. E essa escolha foi pelo Kléber, ele conversou comigo antes e São João escolheu Planejamento e Orçamento. Bambuí escolheu Ensino, Ouro Preto escolheu, ficou por último pois já tinha reitor, e São João escolheu Administração. Extensão, não lembro a sequência agora, extensão ficou com Bambuí e Pesquisa ficou com Ouro Preto e aí o Kléber já articulou o caso de São João, o Kléber articulou o plano de marketing: “como que é onde você acha que se encaixa bem, onde é que você deseja, tem condições de fazer o trabalho, você dá conta de assumir aí?” Inicialmente, eu pessoalmente tinha uma afinidade com ensino, eu sou docente, já tive experiência com ensino e eu tinha intenção no ensino, só que nas conversas o Kléber sugeriu o seguinte: “olha essa planilha de Orçamento e Planejamento, ela é uma área

estratégica para a estrutura, então, assim, ela é atividade nas tomadas de decisões, ela entra na reitoria. Naquele momento, essa parte de Planejamento e Orçamento foi estratégico, vamos escolher essa primeira e foi seguindo essa sequência.

Douglas: Interessante esse método, a gente tinha uma ideia de quem ficou com o quê, mas a gente nunca tinha escutado o método de escolha desse rodízio.

Edmar: Douglas, foi uma negociação mesmo, uma articulação mesmo, eu não posso falar por outros locais pela dificuldade para poder compor, porque alguns profissionais que foram para lá não preenchiam os requisitos legais para ser Pró-Reitor, Oiti, por exemplo, não podia ser Pró-Reitor, Neimar não podia ser Pró-Reitor, tanto que o Neimar trabalhou com a Lidi durante 6 anos e depois se tornou na gestão do Kléber, e eu no segundo mandato do Caio, o Jeferson que foi o primeiro Pró-Reitor de Ensino, era um professor que estava afastado do doutorado e se tornou Pró-Reitor. Então essa questão, poxa vida, eram os diretores que tinham total autonomia para poder indicar servidores que iriam trabalhar, lógico, que tem que ter o aval do diretor, mas eu, em um primeiro momento, o Caio, ele, deu crédito à indicação dos diretores, né, e aí o seguinte: “olha, no momento eu vou indicar, se a pessoa der conta eu vou deixar”. Tanto é que houve uma troca em Bambuí, o Juca ele era de Extensão, esqueci o nome dele agora, teve um problema de saúde e precisou se afastar e Bambuí indicou a Cláudia, e o Caio respeitou a indicação dos Diretores Gerais. E quando ele foi eleito em 2011 ou 12, 11, né, aí sim, ele já não perguntou ao diretor mais não, foi ele com a equipe dele.

Douglas: Bacana! E agora falando um pouco de memória espacial que, indo para outro assunto aí, quando você ouve falar do IFMG, qual é o lugar, o espaço que vem à sua mente? O que te lembra espacialmente falando de local?

Edmar: Ah, Douglas, quando fala do IFMG me lembra, a primeira imagem que vem na minha cabeça são de espaços de ensino, de aprendizado, ou seja, salas de aula, laboratórios, no meu caso, os espaços da Educação Física, a prática de esportes, do

ponto de vista espacial é a primeira imagem que vem na minha cabeça, são esses espaços acadêmicos.

Denis: E, especificamente, em relação a alguma construção, edificação dentro do IFMG que te impressiona positivamente sempre que você a vê?

Edmar: Aqui em São João Evangelista a estrutura daqui, de uma forma geral, é uma estrutura que eu gosto muito, que me traz alegria, não sei se chega a impressionar, não, mas que me agrada bastante. Bambuí tem estrutura muito bacana, tem um prédio lá que é muito bacana, que foi construído na gestão do Flávio Godinho, que é o prédio administrativo com vista para a lagoa da sala do diretor, é uma vista maravilhosa, a vista panorâmica com um fundo, prédio muito bacana. Eu infelizmente não vi a obra, eu estive várias vezes durante o estágio inicial da obra, mas eu não vi a obra pronta em Ouro Branco e Sabará, principalmente entre esses dois campus que eu estive lá no início, depois saí da Reitoria, mas eram três que tinham projetos bem bacanas, mas eu destacaria o conjunto de São João, Denis, e destacaria esse prédio de Bambuí.

Douglas: Edmar, quando a gente pega a famosa 11.892, né, da criação dos Institutos, tem lá toda a proposição do que se esperava, do que se espera dos Institutos Federais, eu queria que você fizesse uma análise para a gente sobre a lei e a prática se ela está sendo cumprida efetivamente ou se há uma distância no que o IFMG vem praticando e o que a lei propõe, qual sua visão sobre isso?

Edmar: Bom, eu acho que houve, sim, um avanço em relação ao estágio inicial do momento que foi sancionada a lei, mas eu penso que ainda existe um desafio grande para fluir em relação a atender a todos. Os princípios básicos previstos na lei em relação às finalidades dos Institutos Federais, não só do IFMG, mas é óbvio que estou falando da nossa instituição, do IFMG, então, essa questão de extensão, eu penso que a gente precisa de evoluir mais, avançar nessa questão da extensão, do contexto regional; acho que a pesquisa nossa ainda precisa de evoluir, expandir, mas eu penso que a pesquisa ela, diferente da universidade, ela deve ser uma pesquisa aplicada, focada nas questões

do âmbito da inserção da instituição; acho que na questão do ensino a gente avançou mais, eu vejo que, assim, além dos nossos esforços, mas a gente vê aí as notas do ENADE, a gente tem conseguido boas notas, são uma outra exceção mas os resultados têm sido bem satisfatórios, mesmo nas avaliações. Mas essa questão do atendimento do arranjo produtivo é uma questão que a gente ainda precisa evoluir bastante para que a gente consiga atender as finalidades dos Institutos. E para que as nossas instituições possam de fato se tornar referência, acho que nós precisamos trabalhar muito, é um processo, lógico que isso não acontece em um intervalo curto, a gente precisa trabalhar muito a nossa marca institucional. Nós tivemos aí o processo seletivo, é óbvio que esse ano é um ano atípico e diferente de tudo que já vivemos, mas a gente vê que alguns campi, alguns rostos, a nossa relação candidato/vaga, ela está abaixo do desejado, lógico que isso não passa só pela marca, mas agregar valor à essa marca, despertar no jovem o interesse de vir para a instituição, e as pessoas vão ter os interesse delas, acreditarem que essa instituição pode transformar, porque as pessoas querem ir. Porque essas instituições vão construir uma história de experiência, mas, possivelmente sejam instituições centenárias, os institutos nós temos aí 11 anos de efetivo funcionamento... Mas, eu acho que existe, sim, das finalidades dos Institutos que a gente precisa bastante.

Denis: Bacana, Edmar! E na sua avaliação, como se efetiva essa relação entre o IFMG, a comunidade externa e o mundo do trabalho?

Edmar: Eu acho que a primeira questão, Denis, é que essa questão é uma questão difícil [risos]. Primeira coisa é a seguinte, a instituição ela precisa de ter clareza do seu papel, ela precisa ter uma identidade de fato que faça com que as pessoas vejam e cheguem como conclusão uma referência, e como é que a gente vai fazer isso? A gente precisa primeiro de entregar para a sociedade, qualidade na prestação dos nossos serviços, na formação dos nossos jovens. Eu acho que a nossa atuação na questão da transparência, a gente precisa de mais transparência, nunca é demais na gestão pública, nos órgãos públicos. A gente precisa de alguma forma expandir a instituição de pesquisa, de projetos de extensão, de eventos, sabe? São João Evangelista é uma cidade de 15 mil habitantes mais ou menos, tem um muitos desses 15 mil que não conhecem o campus São João Evangelista, que nunca sequer passaram daquele portão para dentro, é quase fazer isso, não é fácil, é desafiador, mas o caminho é esse. Acho que conseguir

aproximar da comunidade, do arranjo produtivo local, se a gente ofertasse qualidade, formação de qualidade, a gente levar o que a gente produz para além dos nossos muros...

Douglas: Bacana, o que você falou aí em um dado momento do tripé da extensão, pesquisa e ensino, você considera que o ensino é o que está mais consolidado dessas três, sendo assim, o que você considera dentro do ensino do IFMG ele bacana, o que você considera nele diferenciado em relação a outros modelos de ensino, por que ele seduziria alunos em comparação com outros modelos de ensino, Edmar?

Edmar: Douglas, são alguns fatores importantes que fazem que nós temos isso mais consolidado quando comparado a outras redes aqui, posso falar de São João Evangelista, vou começar com a questão da capacitação dos professores, nós temos um corpo docente altamente qualificados, grande parte doutores, quase todos são mestres, nós temos professores em constante capacitação, nesse momento nós temos 8 professores afastados, 4 que a partir de março que vão dedicar à capacitação, então eu destaco primeiro a questão da qualificação docente. Outro ponto fundamental é a questão da infraestrutura física, nós temos mesmo com as questões de restrição orçamentária, nós temos uma estrutura física, bem cuidadas, limpas, com boa ventilação, bem localizadas, com locais de aprendizado que oferecem uma segurança satisfatória para nossos alunos, nossa instituição não está inserida em um local de violências elevadas, nós temos laboratórios bem equipados, então a infraestrutura é fundamental. Os nossos cursos, eles têm propostas pedagógicas que são construídas coletivamente, bem consolidadas, bem estruturadas, com a participação de profissionais diversos, desde professores pedagogos e outros profissionais que participam desse processo. O que mais eu posso destacar do ensino como ponto de diferencial? Acho que a cultura, eu colocaria também a questão da cultura no que diz respeito à postura da instituição, do estudante, então, assim, o aluno ele sabe que, o aluno chega aqui com 15 anos para fazer um curso técnico, ele sabe que aqui dentro do campus não são recomendados determinados comportamentos que às vezes ele pratica em outros locais, então a orientação que esse aluno recebe nos aspectos comportamentais, as regras pelas quais ele será submetido, isso tudo faz parte das exigências e quando o aluno está aqui, ele vai se adaptando, ele consegue enxergar: “e eu preciso de fato ter uma postura

adequada com meus estudos”. E outro comportamento diferente em relação à assistência estudantil, não posso deixar de mencionar temos aqui uma assistência estudantil que eu considero fundamental no nosso processo, especialmente vários alunos do curso técnico que são menores de idade, com 15 anos. Nós temos o alojamento, o refeitório, nós temos médicos, dentistas, assistentes sociais, temos suporte e todo um apoio, e esse conjunto faz com que a gente possa ter um diferencial. Se a gente pegar os resultados do ENEM e comparar São João Evangelista, e comparar com as escolas da região, a gente vai ver que nosso campus está acima da média regional, no nível bem próximo ali de instituição da rede privada.

Denis: Bacana, Edmar! Ao longo dessa entrevista, a gente fez aí um percurso situando, assim, o passado da instituição, a construção dessa instituição e tal, agora eu queria saber de você sobre o futuro. Na sua percepção, assim, qual é a sua percepção em relação ao futuro dos Institutos Federais e, mais especificamente, sua percepção em relação ao futuro do IFMG?

Edmar: Que pergunta bacana, Denis! Esse trabalho de vocês é um trabalho que fiquei muito satisfeito, já estou curioso para ver um pouco desse resultado do trabalho de vocês, porque falar, fazer esse resgate histórico é fundamental da memória. Mas também quais são as perspectivas, e olhando para frente, pensando no futuro, tem essa preocupação com os Institutos Federais, se não houver uma mudança dos campi na condução da política educacional, no nível de ministério do Governo Federal, no sentido de cortes de orçamento ou de pessoal... Mas se houver um investimento na educação, na Rede Federal de Ensino, eu penso que os Institutos Federais cada vez mais vão ocupar um lugar de destaque nas regiões que eles estão inseridos, porque os IFs têm um potencial para poder transformar a vida das pessoas, a vida dos jovens que estão ali. Quantos estudantes nossos, Douglas, aqui da periferia da cidade, de regiões muito fragilizadas socialmente, que vieram para cá e essa escola transformou a vida dessas pessoas... Então eu penso que os Institutos Federais são, como eu disse na minha fala inicial, eles são importantíssimos, fundamentais nesse processo, se a gente acredita em alguma medida que a educação é uma ferramenta que pode transformar a vida das pessoas, a sociedade, isso passa pelos Institutos Federais, e a gente está inserido nesse processo, não poderia ser diferente. O IFMG possui campus com localizações distintas,

regiões distintas, mas todos eles com a sua característica, mas atendendo principalmente a parcela menos favorecida, quando você vai em Santa Luzia dá para ver onde funcionou nosso campus, onde funcionou nosso campus em Betim, em uma região em Betim, uma região muito fragilizada socialmente. A nossa região aqui, nós atendemos estudantes daqui do Vale do Jequitinhonha, estudantes de regiões muito desfavorecidas, então eu acho que olhando para o futuro, o IFMG é uma instituição que vai contribuir muito na transformação desses jovens e conseqüentemente da sociedade.

Douglas: Edmar, você nem começou a responder essa pergunta que vou te fazer agora, mas é até uma oportunidade para você complementar, você foi aluno, docente, passou por cargos de direção e nós passamos por um percurso histórico grande nesta tarde, então queria que você fizesse uma avaliação desse exercício de memória, desse projeto que nós fizemos nesta tarde. O que você achou desse exercício de memória?

Edmar: Achei sensacional! Fiquei feliz por poder participar desse momento, de fato foi um momento que eu pude recordar de momentos marcantes da minha trajetória. Em agosto de 2020, há pouco tempo atrás, 6 meses atrás, eu tive oportunidade de fazer um exercício semelhante a esse, mas com outro objetivo. A formação, a classe, e aí eu fui apresentar um memorial e fiquei alguns dias elaborando na construção do memorial e fiz todo esse resgate, e agora poder fazer aqui novamente foi diferente, foram perguntas específicas, diferentes, foi muito prazeroso, queria parabenizar vocês pelo projeto, dizer que estou curioso para ver o resultado, as entrevistas, e me colocar à disposição em qualquer momento que eu puder contribuir de alguma forma, se assim for possível.

Denis: Edmar, mais uma vez muito obrigado, em nome do Centro de Memória, obrigado pela sua disponibilidade, prontidão, de estar concedendo essa entrevista para a gente! Eu queria perguntar para você se você gostaria de fazer mais alguma colocação daquelas que a gente ainda não colocou aqui, alguma ponderação, se você queria fazer algum comentário, apontamento, e outra questão é a gente perguntou no início, mas agora passou um tempo, queríamos saber se você disponibiliza essa entrevista para a gente alimentar o nosso Portal?

Edmar: Sim, com certeza! Eu havia mencionado do início, não tem nenhuma restrição, pode usar da forma que for mais adequada dentro do projeto de vocês, tanto imagem quanto áudio e vídeo, sem problemas, eu me sinto contemplado, Denis, acho que são muitas histórias, algumas delas nós contamos aqui, mas eu me sinto contemplado em relação a essa retrospectiva do que foi a minha trajetória singela ao longo de todos esses anos, todos esses anos de dedicação à instituição, amor e gratidão. Essa instituição, eu disse a vocês, a minha história aqui começa aos meus 15 anos, fui muito feliz aqui nessa instituição, sou muito feliz nessa instituição, aprendi muito, errei, acertei, me machuquei em alguns momentos, mas o saldo da minha trajetória aqui é muito positivo, eu agradeço a Deus todos os dias da minha vida pela oportunidade de trabalhar no IFMG!

Douglas: Edmar, então muito obrigado, é isso muito obrigado mesmo! Inclusive, Denis, se você quiser parar de gravar, né, que agora...

Denis: Então agora vou interromper a gravação.

Douglas: Edmar, muito obrigado!